

HÃMHI TUPMÃ

ALEGRAR A TERRA

HÃMHI TUPMÃ

ALEGRAR A TERRA

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

Procuradoria-geral de Justiça
Paulo de Tarso Moraes Filho -
Procurador-geral

CAOMA - Centro de Apoio
Operacional das Promotorias
de Justiça de Defesa do
Meio Ambiente, Patrimônio
Cultural, Habitação e
Urbanismo
Luciano Luz Badini Martins -
Coordenador

Renata Fonseca Guimarães
- Assessora do Núcleo
Semente

Coordenadoria Regional das
Promotorias de Justiça de
Defesa do Meio Ambiente
das Bacias dos Rios
Jequitinhonha e Mucuri
Rauli Kind Mascarenhas -
Coordenador

Daniela Campos de Abreu
Serra - Promotora de Justiça
e referência do projeto
Hãmhi

CAO-Cimos - Centro de
Apoio Operacional às
Promotorias de Justiça de
Apoio Comunitário, Inclusão
e Mobilização Sociais
Paulo Cesar Vicente de Lima
- Coordenador

Programa Próximos Passos
Marcelo de Andrade Vilarino
- Antropólogo de referência
do projeto Hãmhi

Coordenadoria Regional de
Apoio Comunitário, Inclusão
e Mobilização Sociais do Vale
do Mucuri
Nelma Silva Matos
Guimarães - Coordenadora

Deliene Fracete Gutierrez -
Assessora

PLATAFORMA SEMENTE

Coordenação
Anna Beatriz Otoni

Supervisão Técnica-
Ambiental
Paula Grandi Leão Coelho

Analista Ambiental
Luísa Mosqueira

Supervisão de Comunicação
Lucas Rodrigues

Supervisão Financeira
Nilton Ribeiro Luz Júnior

Analista Financeira
Maria Carolina Baumgratz

INSTITUTO OPAOKÁ

Presidente
Mara Vanessa F. Dutra

Vice-presidente
Maria Inês de Almeida

1ª Tesoureira
Denise Valéria de Lima

2ª Tesoureira
Maísa Maciel Vanderlei

1ª Secretária
Maria Elena Ferreira da Silva

2ª Secretária
Sílvia Jura da Silva

PROJETO HÂMHI

Coordenação geral
Rosângela Tugny (UFSB)

Coordenação executiva
Luana Lazzeri Arantes

Coordenação de
processos educacionais
Vanessa Sena Tomaz (UFMG)

Coordenação de articulação
comunitária e comunicação
Roberto Romero

Coordenação técnico-
educativa colegiada
André Carvalhedo, Izabella
Macedo e Leiliane Leal

Assessoria técnico-educativa
Adriano Almeida, Inês Motta
Comarella e Raoni Kriegel
Kamayurá

Auxiliares de campo
Carlos Felipe, Fabrício
Miranda, Idael Batista e
Wellington Alves de Brito

Coordenação
administrativa financeira
Mariana Oliveira Silva

Assessoria
administrativo-financeira
Matheus Rhis e Thais Castro

Design gráfico e comunicação
Paula Lobato, Felipe
Carnevalli e Laurent David

Audiovisual e comunicação
Luisa Lanna

EXPOSIÇÃO HÂMHI TUPMÃ: ALEGRAR A TERRA

Curadoria e textos
Roberto Romero e
Rosângela de Tugny

Fotos
Marcos Eduardo Souza, Julia
Guedes, Marilton Maxakali,
Breno Terra, Laurent David
e Roberto Romero

Desenhos
Voninho Maxakali, Mercedes
Maxakali, Jovelina Maxakali,
Marcos Maxakali, Marilton
Maxakali

Curadoria de som
Eduardo Rosse

Design gráfico
Felipe Carnevalli, Paula
Lobato e Bianca Perdigão

Design de suportes
Augustin de Tugny

A exposição *Hãmitupmã: alegrar a terra* apresenta os resultados iniciais do projeto Hãmhi Terra Viva, realizado pelo Instituto Opaoká e viabilizado pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), com apoio do Núcleo Semente e parceria do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, do Patrimônio Cultural e da Habitação e Urbanismo (CAO-MA) e Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Apoio Comunitário, Inclusão e Mobilização Sociais (CAO-Cimos).

Fruto do encontro entre saberes ancestrais do povo Tikmũ'ũn/Maxakali e práticas da agroecologia, o projeto promoveu, em apenas 21 meses de execução, a restauração de 156 hectares de áreas degradadas e a implantação de 60 hectares de quintais agroflorestais, fortalecendo os modos de vida tradicionais e contribuindo para a restauração ambiental de seus territórios.

A exposição reúne fotografias, cantos tradicionais dos espíritos *yãmĩyxop* e textos que contextualizam as ações realizadas, revelando uma experiência potente de reconexão com a terra, com a Mata Atlântica e de vida em comum. Além de uma mostra de resultados, *Hãmhitupmã* é um convite a “alegrar a terra”, como dizem os Tikmũ'ũn – um gesto de reverência e cuidado com o meio ambiente.

Ministério Público de Minas Gerais (MPMG)

O Instituto Opaoká nasceu da percepção do potencial de troca e diálogo entre organizações da sociedade civil, pesquisadores e lideranças de comunidades indígenas, africanas e afrodiáspóricas. Com base na valorização da troca de saberes com esses povos e no fortalecimento de suas línguas e culturas, o Instituto atua na construção de caminhos para a restauração ecológica do planeta.

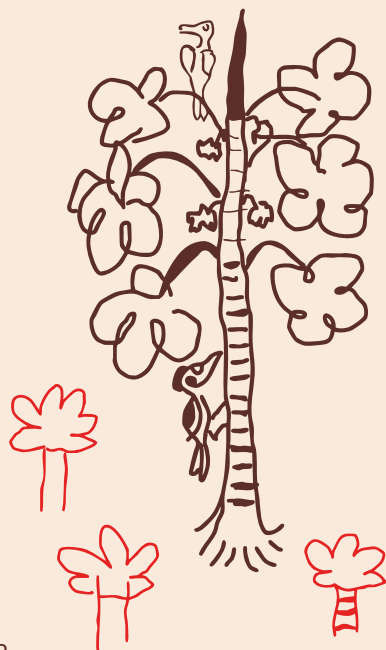
Formalizado em 2018, o Instituto abriga projetos e ações propostos e realizados por seus membros, apostando em uma cooperação pautada na valorização dos parceiros e na educação como ferramenta de transformação social e ambiental. Desde sua criação, o Opaoká vem apoiando a formação de agentes e educadores socioambientais e promovendo ações de restauração ecológica em biomas brasileiros, guineenses e angolanos, fortalecendo redes de cooperação para o bem-viver.

Entre iniciativas mais recentes está o projeto Hãmhi Terra Viva, realizado em parceria com o povo Tikmũ'ũn/Maxakali, que une restauração ecológica, educação ambiental e fortalecimento cultural. Como parte dos resultados dessa iniciativa, o Instituto promove a exposição *Hãmhitupmã: alegrar a terra*, que apresenta fotografias, cantos tradicionais e dados de reflorestamento realizados nos territórios Maxakali, celebrando os primeiros anos do projeto.

Durante a abertura da exposição, será lançado também o livro que reúne quatro Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) elaborados pelos Tikmũ'ũn em oficinas de etnomapeamento, que deram início ao projeto Hãmhi Terra Viva, em 2023. Esses documentos refletem a visão dos próprios povos sobre o cuidado com seus territórios e reafirmam a importância do protagonismo indígena na construção de futuros sustentáveis.

Mara Vanessa F. Dutra

Presidente do Instituto Opaoká



Na língua dos Tikmũ'ũn, a palavra *hi* diz respeito a tudo que vive ou se movimenta: uma pessoa, um bicho, uma árvore e mesmo as imagens da TV são “vivas”. A palavra alegria, por sua vez, é *hitup*, “vivo de novo”. Quando uma pessoa se recupera de uma doença, diz-se que ela “se alegrou”, isto é, que está viva novamente. *Hãmhitupmã*: *alegrar a terra*, é um convite dos pajés, mulheres, homens e crianças Tikmũ'ũn a curar uma terra adoecida pela devastação que já se arrasta há mais de dois séculos nos seus territórios.

Os homens e mulheres Tikmũ'ũn sabem que toda a terra já foi floresta. Mõgmõka, o gavião-espírito, quando viu os troncos de suas casas caírem, voou cantando: “saudades das árvores compridas, saudades das árvores compridas”. Através de gerações e apesar do genocídio, os Tikmũ'ũn souberam transmitir aos mais novos as palavras, os cantos e as histórias dos seus ancestrais.

Desde junho de 2023, com o início do projeto Hãmhi Terra Viva, jovens e adultos deste povo originário da Mata Atlântica estão se formando como agentes agroflorestais e viveiristas para restaurar os seus territórios, convertidos em pasto após décadas de colonização por fazendeiros criadores de gado.

Em menos de dois anos, jovens agentes e viveiristas mobilizaram suas comunidades e plantaram 112 mil mudas em 156 hectares de áreas de reflorestamento e 60 hectares de quintais agroflorestais, onde já iniciaram as primeiras colheitas de bananas, goiabas, amoras, mamão, mandiocas, milho, feijões, abóboras e arroz. Comunidades de todos os cinco territórios

encontram-se, agora, empenhadas no reflorestamento. Crianças passaram a incorporar no seu dia a dia o cultivo das mudas, os mutirões de plantio e a prevenção a incêndios.

Uma juventude antes condenada ao uso abusivo do álcool imposto pelo desastroso contato colonial e à morte, começa a vislumbrar outros caminhos possíveis: do território vivo à soberania alimentar e à universidade. Um grupo de dezenas de pesquisadores Tikmũ'ũn está em formação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aliando os conhecimentos e práticas tradicionais de uso do território aos conhecimentos científicos. Cotidianamente, agentes agroflorestais e viveiristas registram suas atividades sob a forma de desenho ou texto, elaborando a memória dos plantios. Enquanto isso, cineastas e tradutores indígenas registram as principais atividades do projeto. Encontros de pajés são organizados para fortalecer o vasto complexo musical, ritual e linguístico dos *yãmĩxop* no desejo de trazer a mata e os bichos de volta, de repovoar a paisagem com as imagens vivas dos seus ancestrais. Vemos assim, em meio à emergência climática, caminhos onde se desdobram imagens, gestos e cantos, que compõem todos eles uma intensa estética de busca do reencontro com a terra, sua biodiversidade viva e sua plenitude.

Roberto Romero e Rosângela de Tugny

A folha...
O que é isso, a folha?
A folha é canto do *yāmīy!*
Essa é a folha!
O canto é sobre todas
as folhas,
é para as mudas das
árvores poderem crescer
mais rápido.
É para os *yāmīxop*
andarem por dentro da
mata comendo as frutas maduras:
mamão e outros tipos de frutas: *xagāy, xuyām*, ingá,
mamão e manga do mato.
Antigamente tinham outros tipos de manga e hoje só
tem a que o branco produz.
Mas tem a manguinha do mato.
Meu pai e minha mãe me contaram que eles comiam
muitos tipos de frutas que tinham na mata.
Andavam comendo frutas diferentes:
inhames do mato
comida dos Tikmũ'ũn!



Os Tikmũ'ũn não passavam fome!
Os Tikmũ'ũn quando andavam não passavam fome.
Quando tinha muita terra o pessoal ia muito na mata.
Andava caçando bichos e lá tinha o cará.
Eles andavam,
caçavam algum animal,
colhiam cará
e outros tipos de alimentos.

A gente não viu nada disso, a gente só ouviu os
Tikmũ'ũn falando.
Quando cozinhavam o inhame, demorava para ficar pronto.
Os Tikmũ'ũn podiam comer qualquer tipo de fruta:
xuyām, xuyām ta, xagāy, mĩmta xeka...
sapucaia, castanha...
comia tudo!

E hoje são os jovens que estão querendo trazer isso de volta.
Quando a mata crescer, os Tikmũ'ũn vão ver tudo isso de novo,
vão ficar com a cabeça boa e as crianças também.
Elas vão aprender com os mais velhos a fazer coisas.
As crianças vão ficar olhando para aprender como se plantam
as sementes.
O pessoal do projeto nos ajudou.
Eu gosto que seja assim.
Quero que a gente faça as coisas com toda
nossa comunidade forte.

Manuel Damásio Maxakali



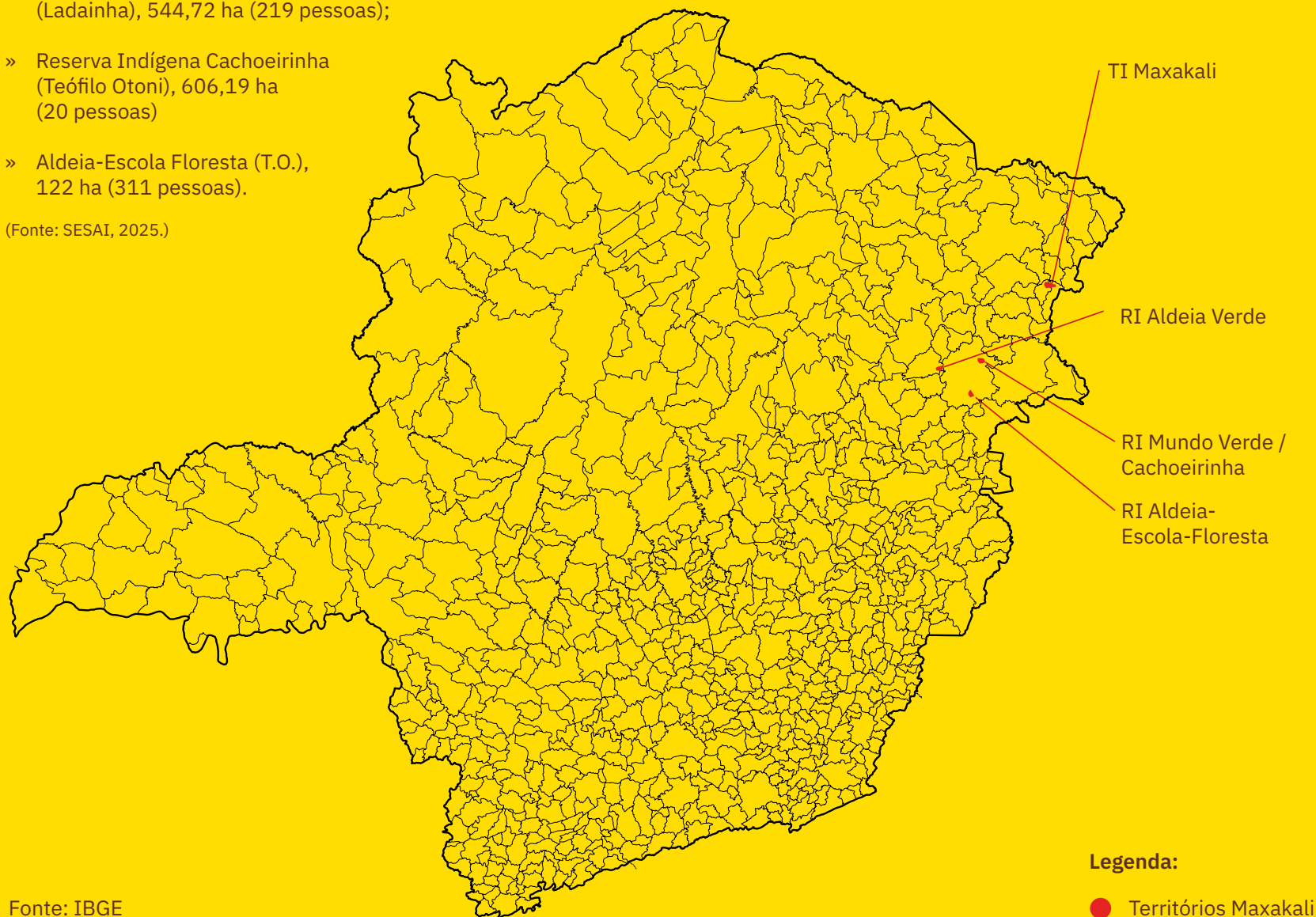
OS TIKMŪ'ŪN E SEUS TERRITÓRIOS

Os Tikmũ'ũn, conhecidos como Maxakali, são povos falantes da língua Maxakali, classificada no tronco linguístico Macro-Jê. São 2629 pessoas, distribuídas em quatro territórios em Minas Gerais:

- » TI Maxakali - Água Boa (Santa Helena de Minas) e Pradinho (Bertópolis), 5.305 ha (2079 pessoas);
- » Reserva Indígena Aldeia Verde (Ladainha), 544,72 ha (219 pessoas);
- » Reserva Indígena Cachoeirinha (Teófilo Otoni), 606,19 ha (20 pessoas)
- » Aldeia-Escola Floresta (T.O.), 122 ha (311 pessoas).

(Fonte: SESAI, 2025.)

Segundo seus relatos, seus antepassados vieram de várias regiões, trazendo cada um os repertórios de cantos e rituais que hoje se realizam nas aldeias. Embora sejam sistematicamente e indevidamente tratados como um único povo, estes Tikmũ'ũn mantêm ativa a memória da diversidade dos seus grupos originários que percorreram, durante os últimos séculos, os espaços compreendidos entre o litoral sul da Bahia e o leste de Minas Gerais, ao longo dos vales dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, Buranhém, Prado, Alcobaça, Doce e São Mateus e outros rios menores dessa região.



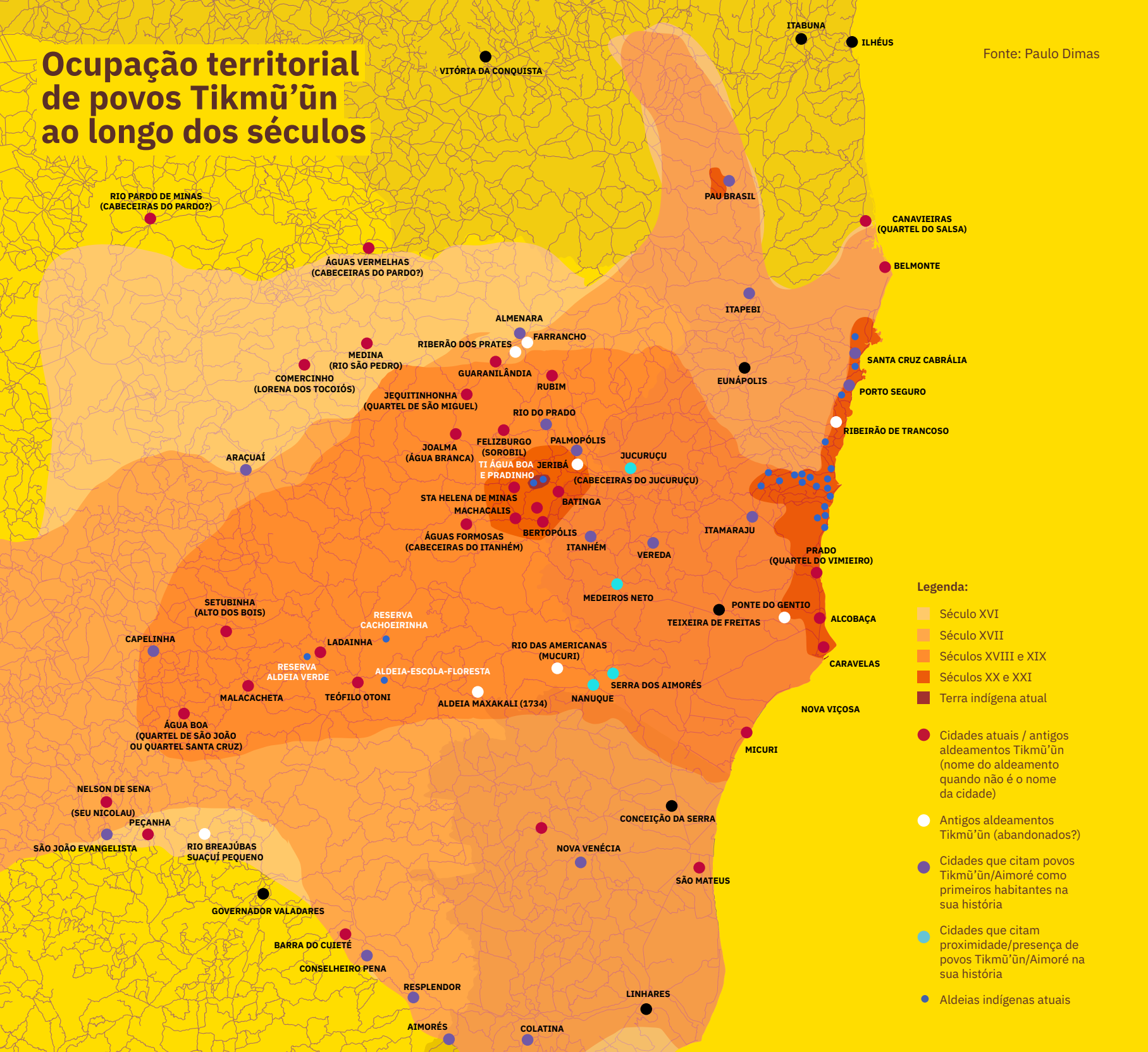


**“Enquanto
houvesse mata
haveria correrias
de índios”**

Frei Serafim de Gorizia, padre
Capuchinho, fundador do
Aldeamento de Itambacuri.

Ocupação territorial de povos Tikmũ'un ao longo dos séculos

Fonte: Paulo Dimas



Legenda:

- Século XVI
- Século XVII
- Séculos XVIII e XIX
- Séculos XX e XXI
- Terra indígena atual
- Cidades atuais / antigos aldeamentos Tikmũ'un (nome do aldeamento quando não é o nome da cidade)
- Antigos aldeamentos Tikmũ'un (abandonados?)
- Cidades que citam povos Tikmũ'un/Aimoré como primeiros habitantes na sua história
- Cidades que citam proximidade/presença de povos Tikmũ'un/Aimoré na sua história
- Aldeias indígenas atuais

A devastação desta região foi uma política constante do Estado brasileiro e uma estratégia de genocídio dos povos originários ali presentes, sobretudo a partir do século XIX. Nas palavras de Frei Serafim de Gorízia, padre capuchinho fundador da maior missão de toda a Província de Minas Gerais, o aldeamento de Itambacuri: “enquanto houvesse mata haveria correrias de índios”.¹ Concluíram, portanto, que a melhor estratégia de guerra contra estes povos era a derrubada da Mata Atlântica. Seguindo a declaração de guerra aos Botocudos, de 1808, assinada por D. João VI, o plano foi encaminhado pelo então governador da capitania de Minas Gerais, de 1803 a 1810, Ataíde e Melo: “(...) estes antropófagos se achariam na precisão de largarem suas habitações; e uma vez perseguidos, se embestariam nos matos à proporção que estes fossem desmanchando e com o andar do tempo se domariam (se é possível domar monstros deste toque).”²

Um século mais tarde, já durante a ditadura militar, o capitão Manoel dos Santos Pinheiro, idealizador do Reformatório Krenak e da Guarda Rural Indígena (GRIN), instalou-se na Terra Indígena Maxakali e a transformou em um “laboratório” de atrocidades perpetradas contra os povos indígenas. Implantou agriculturas extensivas com o trabalho escravizado dos Tikmũ’ũn, proibiu os cultivos das roças tradicionais, além de desmatar e vender ilegalmente centenas de caminhões de jacarandá das matas originais e se apropriar de parcela de suas terras tradicionais.

1 Izabel Missagia de Mattos, 2002. *Civilização e Revolta: Povos Botocudos e Indigenismo Missionário na Província de Minas.*

2 ATAÍDE E MELO, P. M. X. de. *Carta ao Príncipe Regente em 1807.* RAPM; Belo Horizonte, v. 11. p. 300-1, 1906.







**INSEGURANÇA ALIMENTAR,
HÍDRICA E VULNERABILIDADE
SOCIAL EXTREMA**

“Um rastro genético do genocídio indígena pode ser detectado no DNA dos Maxakali, que vivem em Minas Gerais - eram pouco mais de 2 mil em 2014, segundo dados do Instituto Socioambiental. De acordo com o geneticista Thomas Pinotti, eles pertencem ao mesmo haplogrupo de DNA mitocondrial, o que é algo totalmente atípico. ‘Dá pra dizer que a população toda em algum momento foi reduzida a um pequeno bando familiar que descendia da mesma mulher’ – disse o pesquisador”.

Bernardo Esteves, Admirável Novo Mundo.
Uma história da ocupação humana das Américas, 2024.

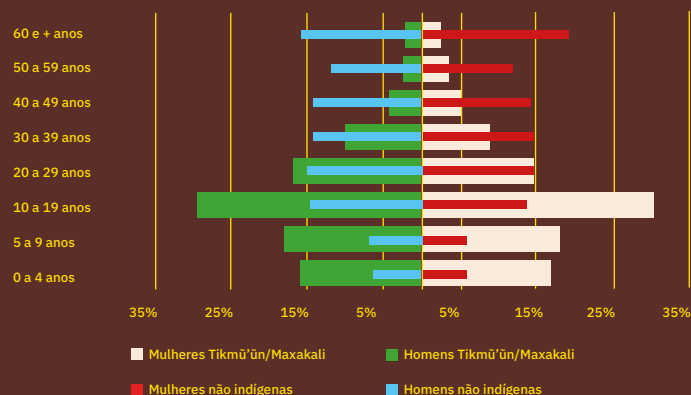
A destruição ambiental, que caminhou de mãos dadas com o racismo, é a origem da situação de extrema vulnerabilidade em que vivem os Tikmũ'ũn: falta de água potável em todos os territórios, insegurança alimentar, e índices ainda alarmantes de mortalidade.

Um estudo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revela que de todas as mortes ocorridas no ano de 2022, entre os Tikmũ'ũn, 25% foram de crianças até 1 ano, enquanto entre os não indígenas que vivem nos mesmos municípios, o índice é de 2.4%. Ou seja, a proporção de mortes de crianças nessa faixa etária é 10,4 vezes maior entre os Tikmũ'ũn. Na faixa etária entre 1 a 4 anos, os óbitos entre indígenas corresponderam a 15% do total e para não indígenas, 0,5%, o que equivale a uma mortalidade proporcional 30 vezes maior entre crianças indígenas.

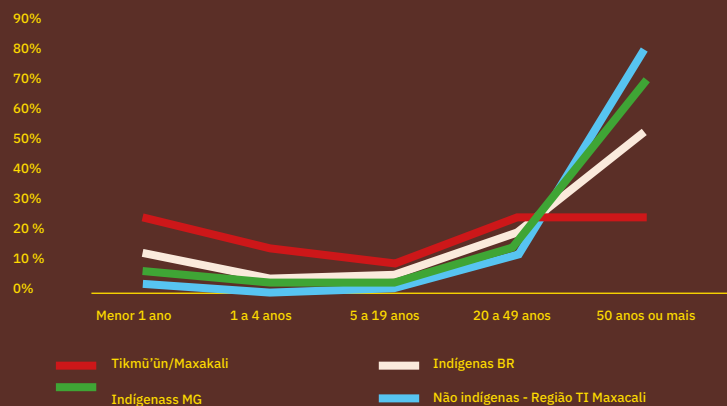
A taxa geral de mortalidade infantil entre os Tikmũ'ũn/Maxakali é de 66,7 óbitos por mil nascidos vivos, muito acima da média para indígenas em Minas Gerais (26 por mil) e dos 10,9 por mil registrados entre não indígenas nos municípios onde estão localizadas as terras Tikmũ'ũn/Maxakali (Santa Helena de Minas, Bertópolis, Ladainha e Teófilo Otoni).

O estudo conclui que “a distribuição etária e mortalidade entre os Tikmũ'ũn/Maxakali é significativamente desfavorável quando comparadas a outros segmentos populacionais brasileiros, podendo comprometer sua própria existência enquanto povo. Medidas urgentes devem ser tomadas pelo Estado brasileiro para analisar e intervir nas condições sócio-sanitárias e econômicas determinantes dessa situação.”³

Distribuição etária relativa dos Tikmũ'ũn/Maxakali e de não indígenas dos municípios de Sta Helena de Minas, Bertópolis, Ladainha e Teófilo Otoni, Minas Gerais, Brasil, 2022. Fonte: SIASI (2022); IBGE/CENSO-2022 (2024)



Curvas de mortalidade proporcional por faixa etária, Brasil, 2022. Fonte: SIM-SUS



Mortalidade proporcional por faixa etária e sobretaxa, Brasil, 2022. Fonte: SIM-SUS

Faixa etária	Região TI Maxakali			MG			Brasil		
	Indígena	Não indígena	Sobretaxa	Indígena	Não indígena	Sobretaxa	Indígena	Não indígena	Sobretaxa
< 1 ano	25%	2,4%	10,4	7,1%	1,6%	4,4	13,5%	2,0%	6,8
1-4 anos	15%	0,5%	30	3,3%	0,3%	11	4,6%	0,4%	11,5
5-19 anos	10%	1,3%	7,7	2,1%	1,1%	1,9	6,5%	1,4%	4,6
20-49 anos	25%	13,2%	1,9	14,7%	12,2%	1,2	20,5%	14%	1,5
>50 anos (RMP)	25%	82,5%	1/(3,3)	72,4%	84,6%	1/(1,2)	54,7%	82%	1/(1,5)

3 (Oda, W.Y. et al, 2024, “Genocídio renovado na degradação sanitária e ambiental entre os Tikmũ'ũn/Maxakali em Minas Gerais, Brasil”)

Gráficos elaborados pelos autores do artigo citado, com base em dados da SIASI, IBGE/CENSO-2022 e SIM-SUS.







**O SONHO DA
TERRA VIVA**

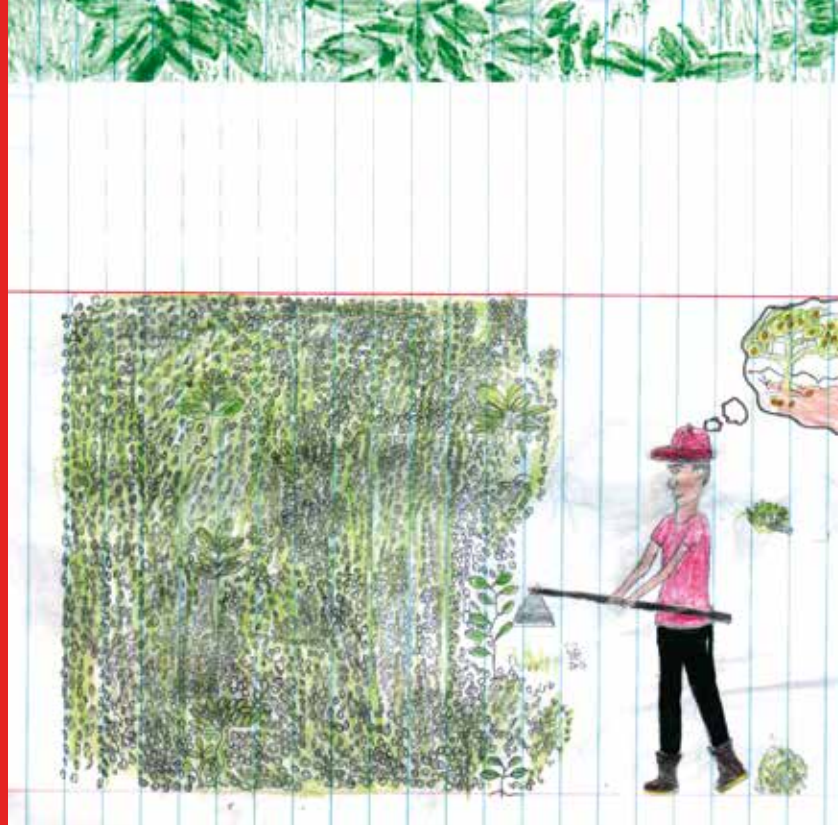
“Vai ter água no meio da mata. Vai ter água limpa! Vai ter fruta! E terão muitos pássaros diferentes! Daqueles que andam no chão e daqueles que vivem na água... Para a terra ficar fresquinha e ter água dentro da mata.”

Damazinho Maxakali

Apesar do avanço do projeto de destruição de seus territórios, os Tikmũ'ũn mantêm fortes os laços que unem sua língua, seus cantos e seus saberes sobre a Mata Atlântica. Ainda hoje realizam viagens pelas regiões ancestrais onde procuram reencontrar o que seus parentes ensinaram: lugares históricos, conjuntos de cantos, danças, nomes e narrativas que compõem um grande conjunto de conhecimentos sobre a fauna e flora, que denominam *yãmĩyop*. Possuem 12 repertórios musicais e poéticos, um verdadeiro patrimônio imaterial de inestimável riqueza cultural e histórico-linguística.

Dentre as antigas línguas da mesma família, como Kapoxó, Monoxó, Makoní, Malalí e Pataxó, a língua Maxakali é a única falada atualmente por todo um povo em Minas Gerais. Apesar dessa imensa força cultural, os Tikmũ'ũn costumam repetir, com nostalgia, que hoje só conhecem algumas plantas e bichos pelos nomes. Nas palavras de Isael Maxakali: “alguns bichos acabaram, só ficaram os nomes. Mas o nosso canto registra, o nosso canto preserva alguns bichos grandes que não existem mais hoje, os nossos cantos preservam e os desenhos também preservam alguns bichos.”

A Terra Viva, *Hãmhi*, é sonhada pelos *yãmĩyop*, pajés, mulheres, homens e crianças de todo o povo. Sonham reflorestar este território que é considerado o berço das águas, guardando nascentes de várias bacias hidrográficas da região. Sonham o retorno dos bichos e seus alegres cantos.





TOHOT

MĀG

PAX XAP

QAK

XITKUNĪ

IGJUT

UHĀM KUX

TOTMĀ

KŌMĪD

PAXOK

MĪN KUP

TRĪAKUP



O PROJETO HÃMI TERRA VIVA

O projeto Hãmhi Terra Viva é realizado pelo Instituto Opaoká e viabilizado pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), com apoio do Núcleo Semente e parceria do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, do Patrimônio Cultural e da Habitação e Urbanismo (CAOMA) e Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Apoio Comunitário, Inclusão e Mobilização Sociais (CAO-Cimos).

Iniciado em junho de 2023, esta ação tem como eixo principal a formação de 30 agentes agroflorestais e 16 viveiristas Tikmũ'ũn para a restauração ambiental e produção de alimentos, aliando conhecimentos tradicionais aos princípios da agroecologia. Os principais objetivos do projeto são o reflorestamento da Mata Atlântica e recuperação da biodiversidade; a promoção da soberania alimentar nos Territórios Tikmũ'ũn; formação de agentes agroflorestais e viveiristas Tikmũ'ũn; fortalecimento das práticas e conhecimentos tradicionais Tikmũ'ũn.

RESULTADOS ALCANÇADOS EM 21 MESES:

- » 156 hectares de áreas de reflorestamento de Mata Atlântica implementados;
- » 100 quintais agroflorestais implantados, totalizando 60 hectares;
- » 30 agentes agroflorestais e 16 viveiristas capacitados em plantio, manejo, produção de mudas, coleta e beneficiamento de sementes;
- » 112 mil mudas plantadas;
- » 03 viveiros-escolas implementados como espaços educativos e produção de mudas nativas da Mata Atlântica;
- » Todas as 04 terras indígenas contempladas;
- » Produção de alimentos para o consumo das famílias;
- » Publicação de 01 livro contendo 04 Planos de Gestão Territorial e Ambiental bilíngues Tikmũ'ũn/Português;
- » Apoio à criação da brigada indígena Konãg Hi - Água Viva para prevenção e combate a incêndios florestais nos territórios indígenas;
- » Criação de site, canal no Youtube, página no Instagram e publicação de artigos em jornais e revistas nacionais e internacionais.





Para os próximos anos, as metas são a ampliação das ações de restauração, proteção ambiental e produção de alimentos; a proteção e recuperação de nascentes e promoção da segurança hídrica; a conquista da segurança alimentar nas comunidades Tikmũ'ũn e a criação de uma Escola Hãmhi de Formação Profissional em Agrofloresta.



HAMHI

HAMHI
TEA & VEG

NIKE
NIKE

HAMHI
TEA & VEG





**FORMANDO
MULTIPLICADORES
AMBIENTAIS**

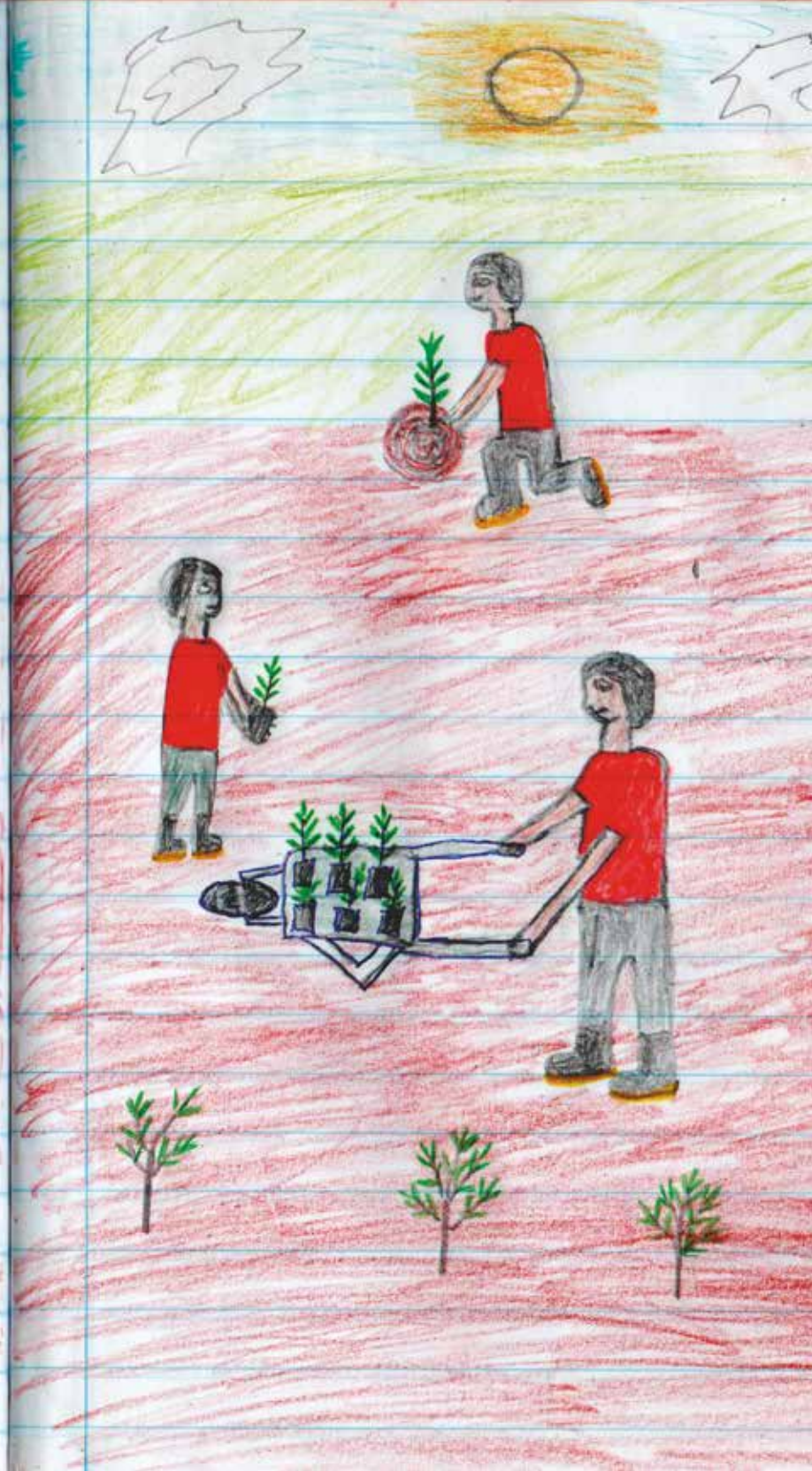
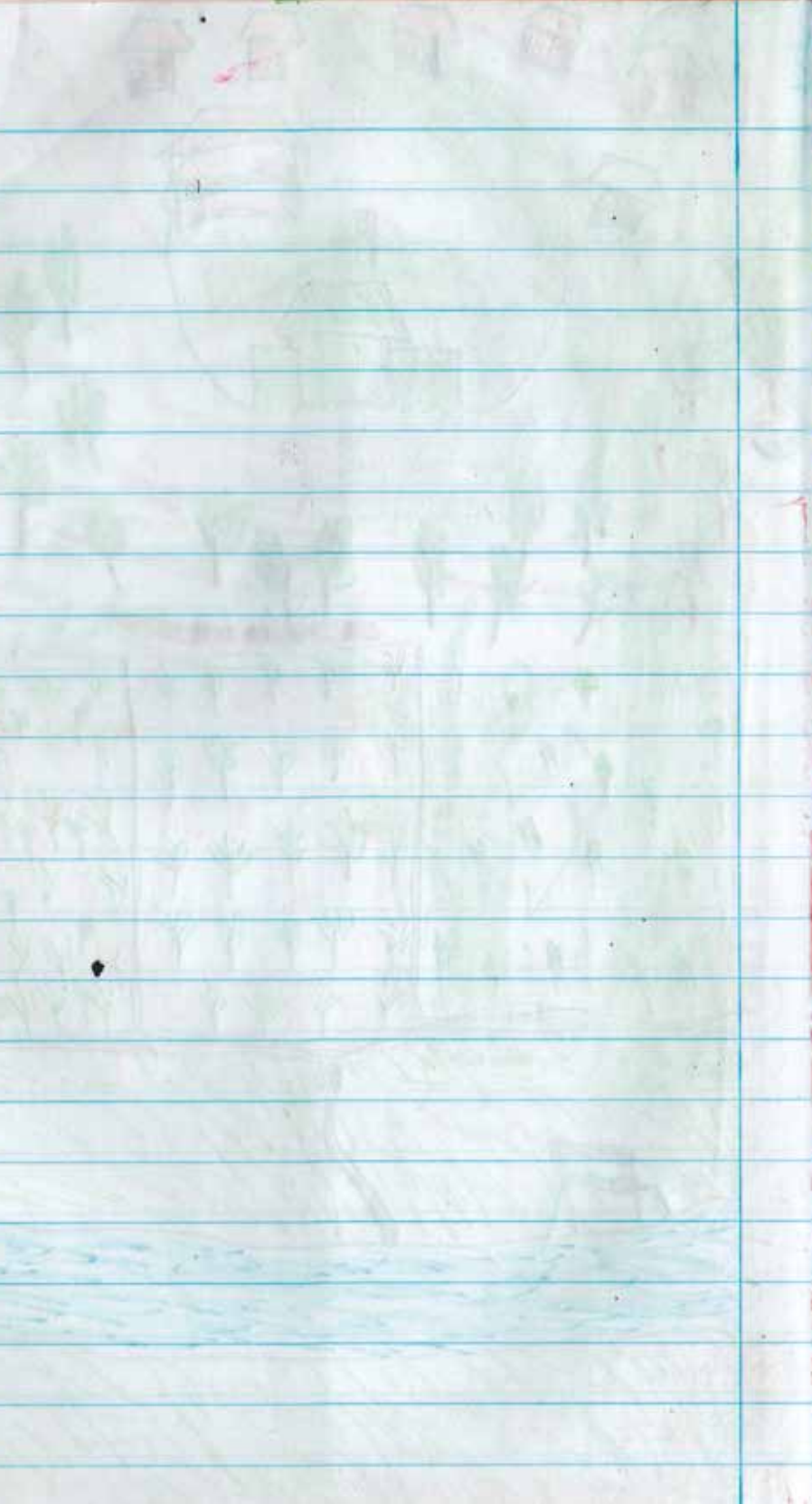
O Projeto Hãhmi Terra Viva forma agentes agroflorestais e viveiristas Tikmũ'ũn que se tornam protagonistas das ações de restauração ambiental e reflorestamento de suas terras. Em oficinas de etnomapeamento, pensam coletivamente seus territórios, produzem e aplicam os conteúdos da gestão territorial e ambiental relacionando seus próprios conhecimentos com os saberes das demais culturas.

Na formação constam pesquisa, intercâmbios, oficinas, levantamento e sistematização dos conhecimentos tradicionais e escrita pictográfica dos antigos e novos conhecimentos. Cada quintal agroflorestral implantado é um laboratório prático para a turma em formação.

As atividades acontecem nas aldeias e contam com assessoria técnico-educativa permanente e consultoria especializada. Em parceria com a UFSB e UFMG esta ação pretende contribuir com a regulamentação de uma formação profissionalizante de ensino médio para os agentes agroflorestais e viveiristas tikmũ'ũn.

O Hãhmi semeia alternativas para a juventude Tikmũ'ũn e a juventude do campo, com geração de renda nos territórios, produção de alimentos, ao mesmo tempo em que as engaja na principal tarefa do século: o enfrentamento à crise climática.









**A BRIGADA KÕNÃG HI
ÁGUA VIVA NO EPICENTRO
DA CRISE CLIMÁTICA**

“É muito importante para nós criar uma brigada aqui. Nós, Tikmũ’ũn-Maxakali, queremos formar uma brigada de Mâtãnãg (ancestral) para vigiar nossa terra e protegê-la do fogo. Para que a mata não queime, possa brotar e os bichos maiores possam voltar.”

Marilton Maxakali, coordenador da brigada indígena Kõnãg Hi - Água Viva.

Hoje os Tikmũ’ũn vivem no epicentro da crise climática no Brasil. A região das bacias do Mucuri e Jequitinhonha é a que mais aqueceu em todo país nos últimos anos (Cemaden, 2024). Com o aquecimento, a estiagem e a presença extensa do capim colônio e braquiária nos territórios, os Tikmũ’ũn vem enfrentando o avanço das queimadas. A formação dos brigadistas surge durante o 1º Curso de Formação de Brigadistas Voluntários, em outubro de 2024, como uma estratégia essencial para prevenir e combater esses incêndios, promovendo maior segurança para a comunidade e preservação da Mata Atlântica. É uma ação que une IBAMA-Prevfogo, FUNAI, IEF e o Projeto Hãmhi. As/os participantes aprenderam técnicas de prevenção e combate ao fogo e receberam equipamentos essenciais, como abafadores, enxadões, bombas d’água, óculos de proteção e capacetes, cedidos pelo Prego.

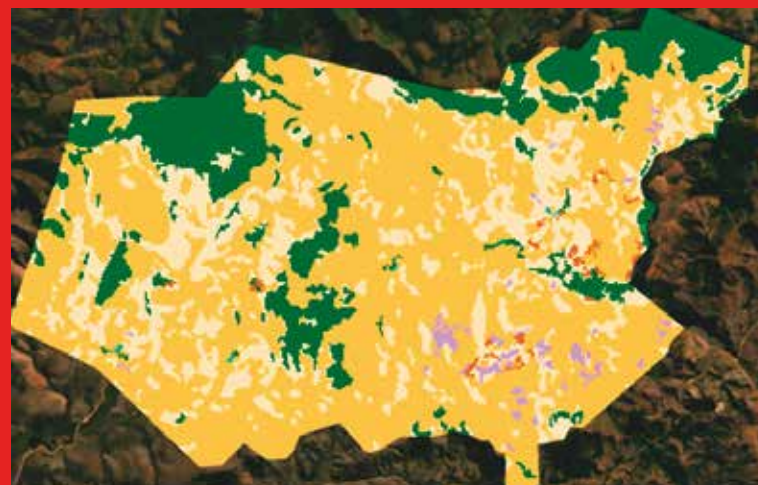
A primeira brigada anti-incêndio Tikmũ’ũn/Maxakali: Kõnãg Hi - Água Viva é um passo histórico rumo à organização de uma brigada própria, fortalecendo a capacidade das comunidades de enfrentar os desafios ambientais com autonomia e eficiência.



T.I. Maxakali – Uso e cobertura da terra em 1985

3.146 hectares para agropecuária (em amarelo)

2.137 hectares de floresta (em verde)



T.I. Maxakali – Uso e cobertura da terra em 2021

4.443 hectares para agropecuária (em amarelo)

795 hectares de floresta (em verde)





Realização:



Apoio:



Parcerias:

Prefeitura de Santa Helena de Minas

Prefeitura de Bertópolis

Prefeitura de Ladainha

Prefeitura de Teófilo Otoni



Escola Estadual Indígena Maxakali (Água Boa)

Escola Estadual Indígena Capitãozinho Maxakali (Pradinho)

Escola Estadual Indígena Izabel da Silva Maxakali (Aldeia Verde)

Escola-Floresta Tikmũ'ün (Aldeia Escola Floresta e Cachoeirinha)



MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



MINAS GERAIS

GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.



for Development pour le Développement para el Desarrollo



**Nosso sonho é cuidar da terra pra
ela recuperar, porque ela precisa ser
curada, precisa de tratamento.
Porque a terra é viva. A terra fala,
a terra vê e a terra grita!
Mas o fazendeiro não escuta que a terra
está gritando e precisa de socorro.
Por isso que nós queremos reflorestar.
O nosso sonho precisa se realizar!
O nosso sonho é cuidar da terra
e reflorestar.**

Isael Maxakali





ISBN: 978-65-88446-81-2

